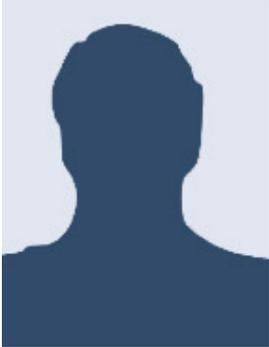


# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**VIANA [DA SILVA CARVALHO], António José** (Lisboa, 1858-Lisboa, 1931)

António Viana nasceu a 15 de Março de 1858 na Rua do Patrocínio, número 78, em Lisboa (que cem anos depois apresenta o número 94) e morreu na mesma cidade a 28 de Abril de 1931, pouco depois de completar setenta e três anos de idade.

O autor do seu elogio académico, o historiador e director da Torre do Tombo, António Baião (1878-1961), di-lo nascido em «berço dourado e [proveniente de] bons costados» (António Baião, *Discurso acerca do centenário...*, 1958, p. 3), o que os dados históricos comprovam.

Filho do comendador João António Viana, fidalgo da Casal Real e de Camila Adelaide da Silva Carvalho, era neto materno do célebre José da Silva Carvalho (1782-1856), ministro, conselheiro de Estado e vice-presidente da Câmara dos Pares; sobrinho-neto paterno de Joaquim Leocádio da Costa, agente comercial miguelista; e sobrinho materno do 1º visconde da Silva Carvalho (1829-1880), conselheiro de Estado e par do reino (por sucessão), o qual foi seu padrinho de baptismo (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXVIII, s.d., p. 885 e António Viana, *José da Silva Carvalho e o seu Tempo*, vol. I, 1891, p. 417, n. 1).

Foi ainda sogro de António Carneiro Pacheco (1887-1957), diplomata, ministro do Estado Novo e (re)fundador, em 1936, da Academia Portuguesa de História (António Baião, «Duas Palavras», in António Viana, *Apontamentos para a história diplomática contemporânea por...*, vol. III, p. VII e Luís de Reis Torgal, «A História em tempo de Ditadura», in *A História da História em Portugal (Séculos XIX e XX)*, p. 251, legenda).

Pelas suas origens e laços familiares e sociais, pode afirmar-se que Viana constituiu um curioso exemplo de proximidade com as fontes e figuras políticas e académicas dos séculos XIX e XX, desde a época da Guerra Civil de 1828-1834 até à (re)fundação da Academia da História, em 1936.

Embora se desconheça qualquer informação sobre o curso secundário seguido por Viana, preparatório para a entrada na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, sabe-se que teve por colegas de curso António de Oliveira Pacheco (pai de Carneiro Pacheco) e José de Alpoim, «tribuno irrequieto, quase jacobino». O curso foi feito com regular «nemine discrepante» e terminado com nota final de Bom (12 valores), em 1879, aos vinte e um anos (António Baião, *Discurso acerca do centenário...*, 1958, pp. 4-6).

Não se conhecem pormenores sobre o seu percurso entre 1879 e 1891, altura da publicação do seu primeiro trabalho histórico (com 32 anos de idade). É provável que Viana tenha dedicado boa parte desses doze anos a estudar os espólios de Silva Carvalho e de Joaquim Leocádio da Costa (Idem, *Idem*, p. 9 e



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Visconde de Santarém, *Correspondência...*, vol. V, 1918, pp. 124 e ss.).

Assim se compreende como, a partir de 1891, tenha conseguido trazer a público uma monumental obra em três volumes, *Silva Carvalho e o seu Tempo*. De tal forma importante, a nível documental, que Joaquim Pedro de Oliveira Martins (1845-94), na terceira edição do *Portugal Contemporâneo* (1894), cita passagens do estudo de Viana (Joaquim Pedro de Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo*, vol. I, 1981 (1ª ed. 1881), Livro III, pp. 197-199, 214, 238, 264-65, 267-69 e 348, n. 1).

Essa recolha valeu-lhe a nomeação de sócio correspondente da Academia Real das Ciências, admitido após parecer do próprio Oliveira Martins, de Inácio Francisco Silveira da Mota e de Jaime Constantino de Freitas Moniz – todos eles ilustres nomes da produção historiográfica da época – datado de 13 de Julho de 1892 e por eleição de 9 de Dezembro seguinte (António Baião, *Discurso acerca do centenário...*, *Op. cit.*, pp. 10-11).

É de notar que a preocupação do autor em restituir glória documental à memória histórica do liberalismo cartista não está dissociada da proposta política de um *socialismo monárquico*, a qual surge como resposta ao crescente desgaste e erosão das instituições políticas vigentes (António Viana, *José da Silva Carvalho e o seu Tempo*, vol. II, 1894, «Advertência», pp. I-VII).

Durante o reinado de D. Carlos (1889-1908), é possível que Viana gravitasse em círculos intelectuais e políticos próximos ou afins dos Vencidos da Vida e de soluções cesaristas, defendidas por Oliveira Martins e por João Franco (1855-1929). Sabemo-lo membro ou participante na vida do Partido Regenerador Liberal, onde também gravitava Henrique da Gama Barros (1833-1925), recordando-se António Baião, segundo conservador da Torre do Tombo a partir de 1902, de vê-los juntos no arquivo nacional. Por outro lado, são bastante confessionais, quase fraternais, as cartas que o próprio Franco lhe vai escrever do exílio, em 1908, transcritas por Baião (*Idem, Idem*, pp. 15-20; veja-se, a propósito de Gama Barros, José Maria Amado Mendes, «Desenvolvimento e estruturação da historiografia portuguesa», in *História da História em Portugal (Séculos XIX e XX)*, 1996, p. 186).

É neste caldo de cultura científica e ideológica que Viana ocupará importantes funções na direcção da Associação da Agricultura Portuguesa e das Cozinhas Económicas; de fiscalização da Companhia das Lezírias; e de secretariado, durante vinte e quatro anos (eventualmente até à sua morte, em 1931), da Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida. O que comprova, de facto, que não se desiludiu «completamente da marcha dos negócios públicos», fosse na Monarquia, na Primeira República ou durante a Ditadura Militar (António Baião, *Op. Cit.*, pp. 13-14).

António Viana parece ter feito da remissão pública, política e historiográfica do seu avô, Silva Carvalho, um dos objectivos do seu ofício de publicista (mais do que de historiador). Como tantos outros bacharéis formados em Direito durante a segunda metade do século XIX, Viana aventurou-se nos campos da História e da investigação documental com um afã próprio de um terreno ainda não completamente desbravado: o da política liberal do primeiro e segundo cartismos (1823-1826 e 1834-1836).

Nascido em 1858, ter-se-á porventura deparado com os primeiros tentames, mais ou menos recentes, de estabelecer um balanço dos factos, figuras e fontes de tais conturbados períodos: Luz Soriano (1846 e 1849) e Liberato (1855), passando pelos *Despachos e Correspondência* de Palmela (1851, 1854 e 1869).



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Aos quais se foram juntando, nos anos seguintes, a *Correspondência Oficial* do conde da Carreira (com edições em 1871 e 1874), a *História de Portugal* (1879) e o *Portugal Contemporâneo* (1881) de Oliveira Martins. Coleções documentais como as de Borges de Castro/Júdice Biker (de 1856 em diante) e a do futuro barão de São Clemente (iniciada em 1883) contribuía, por seu lado, para uma abundância documental que se poderia considerar já razoável.

Tal como o personagem de *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), Gonçalo Mendes Ramires, Viana terá julgado em causa a honra da família. Com uma abertura de espírito ainda hoje incomum em Portugal, descerrou ao público o espólio familiar, revelando uma imensão de cartas, memórias e documentos escritos por Silva Carvalho e por ele recebidos. Mas não só: também dedicou grande parte da trilogia *José da Silva Carvalho e o seu Tempo* à correspondência e papéis oficiais do governo de D. Miguel, numa inteligente e preclara visão histórica de que, sem tal dualidade de fontes, provenientes dos dois lados da barreira que dividiu Portugal durante a guerra civil de 1832-1834, não é possível uma visão de conjunto integradora e equilibrada.

Não que Viana a tenha alcançado – o que, aliás, não seria (de todo) o seu objectivo. Assumiu-se, nesta obra, como um editor, um organizador da publicação e não tanto como um intérprete, um narrador ou um historiador. Tanto assim foi, que, numa certa continuidade da historiografia liberal (em especial, de Luz Soriano), Viana prima por entrecortar a documentação publicada com anotações ou largos excursos narrativos e argumentativos, para salvaguarda da memória histórica do liberalismo cartista moderado.

O que não o impediu de intervir e de polemizar, a propósito das leituras que aí fez de José Liberato Freire de Carvalho e do conde da Carreira.

De facto, a visão que António Viana nos dá das (hipotéticas) inimizades e diferendos políticos entre Silva Carvalho e Liberato, por um lado e com Carreira, por outro, prendem-se com um objecto muito mais vasto e extenso: o da correlação de forças dentro do liberalismo português, entre 1820 e 1834.

A qual, como é por demais sabido, vive – ainda hoje – muito do que dela nos narrou o consagrado Oliveira Martins no *Portugal Contemporâneo*. Ora as críticas de *miguelista* que lhe foram dirigidas, segundo o próprio Martins nos relata nas *Explicações* à segunda edição da obra, datadas de Novembro de 1883, parecem veladamente ser reproduzidas por Viana no primeiro volume de *Silva Carvalho e o seu Tempo*, publicado em 1891 (Joaquim Pedro de Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo, Op. Cit.*, vol. I, pp. 15 e 21 e António Viana, *José da Silva Carvalho e o seu Tempo*, vol. I, p. 17, n. 2).

O que é curioso é que as críticas dirigidas por Viana a Liberato e a Carreira aparentam poderem ser explicadas sobretudo devidas a uma certo momento de viragem política, entre os exilados liberais, nos anos de 1830 a 1834. Nomeadamente, as de definição das facções saldanhista e palmelista/carvalhista, com consequentes polémicas na imprensa, na corte do duque de Bragança e nos alinhamentos maçónicos.

Assim sendo, as críticas de Liberato e de Carreira incidiram muito mais sobre Palmela, Saldanha, Mendizábal e Rodrigo da Fonseca do que sobre Silva Carvalho. Aliás, as parcas referências que tanto Liberato quanto Carreira fazem a Silva Carvalho parecem ser sempre respeitosas e amistosas, senão abertamente elogiosas (António Viana, *Op. Cit.*, pp. 110-111, 123 e 372-74 (e n. 1 de p. 372) e *Memórias da vida de José Liberato Freire de Carvalho*, edição de 1855, pp. 334, 341, 343 e 375 e edição de 1982, pp.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

194, 198, 199 e 216). O que não é de estranhar, tendo Carvalho sido o cérebro financeiro (depois de Mouzinho da Silveira) e orquestrador da estratégia liberal *pedrista*, vencedora em Évora-Monte e derrotada em 9 de Setembro de 1836.

Enfim, trata-se de mais uma polémica historiográfica ainda por resolver, em parte recuperada por João Carlos Alvim, em 1982, quando reeditou – em boa hora! – as *Memórias de Liberato*, dotando-as de uma introdução problematizante e esclarecedora (vejam-se, a esse propósito, as *Memórias da vida de José Liberato Freire de Carvalho*, 1982, pp. XIX, n. 13 e XX, n. 15).

Dessa e de outras polémicas, poder-se-á concluir que a fiabilidade das fontes disponibilizadas por Liberato (nesse e noutros títulos), por Palmela, Carreira e Viana não se anulam – antes, complementam-se, complexizam-se, completam-se. E que sem um estudo comparativo dos seus ideários e percursos ideológicos, políticos e culturais, tudo parecerá – continuará a parecer – simples ajuste de contas de contrastantes e contraditórias memórias políticas...

A segunda parte da obra de Viana é constituída por uma tetralogia, sucedendo assim à trilogia dedicada a Silva Carvalho. O conjunto de livros com o título genérico *Apointamentos para a História Diplomática*, incluindo a respectiva *Introdução*, demorou quase seis décadas a ser publicado. Três volumes foram impressos entre 1901 e 1922, ainda em vida do autor; o quarto, apenas em 1958, aquando do centenário do seu nascimento (e sob o impulso de António Baião). Cobrem os períodos de 1789 a 1815 (a *Introdução*...) e de 1820 a 1828 (os restantes volumes). Como é sabido, foi durante esses oito anos que Silva Carvalho e tantas outras figuras liberais conheceram sucessivamente períodos de grandeza e queda, brilhantismo e obscuridade.

Nesses quatro títulos, o trabalho de Viana foi, assim como o de tantos outros historiadores da diplomacia e da política luso-brasileiras de 1808 a 1834, o de um reorganizador das fontes publicadas no século XIX. Com a ressalva de que ele próprio contribuíra para esse primeiro momento historiográfico, embora tardiamente.

Aliás, as amizades que António Viana manteve com Gama Barros (1833-1925) e com António Baião (1878-1961), o primeiro vinte e cinco anos mais velho, o segundo duas décadas mais novo, constitui como que uma sequência de anéis de gerações historiográficas (mais do que biológicas) bastante interessante de observar – sintomática, porventura, de algumas etapas da história da historiografia em Portugal, nas décadas de 1890 a 1960.

Há, pois, que destacar em Viana um antecessor crítico de Rocha Martins como publicista de documentos, tanto liberais quanto miguelistas. E um precursor de Ângelo Pereira, de Oliveira Lima e de António Ferrão como intérprete de factos históricos da política e diplomacia luso-brasileiras, de vital importância na preparação das sínteses críticas posteriores, levadas a cabo por conceituados historiadores como Eduardo Brazão e Soares Martinez, por um lado; e por Graça e Sebastião Silva Dias e pelos editores da *História da História em Portugal (Séculos XIX e XX)*, por outro.

Por fim, note-se que Viana publicou pelo menos dois títulos de poesia, *Flores de Outono* e *Tobias*, este último incluindo duas ilustrações de Columbano e datado de «Estoril, Outono de 1899».

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

**Bibliografia activa:** *José da Silva Carvalho e o seu Tempo. Compilação anotada por [...]*, Lisboa, Imprensa Nacional, 3 vols, 1891-1894; *Tobias (Versão do conto bíblico, com duas ilustrações de Columbano)*, 1901, 47 pp.; *Apontamentos para a história diplomática contemporânea por [...]*, 3 vols (1901, Livraria Ferin, 378 pp.; 1922, Tipografia do Anuário Comercial, 545 pp.; 1958, Gráfica Santelmo, 299 pp.), cobrindo o período de 1820 a 1828; *Introdução aos apontamentos para a história diplomática contemporânea por [...]*, Lisboa, Livraria Ferin, 1907, 182 pp. (cobrindo o período de 1789 a 1815); *Flores de Outono*, [s.d.].

**Bibliografia passiva:** BAIÃO, António, *Discurso acerca do centenário do nascimento do Dr. António José Viana da Silva Carvalho, proferido na Sessão Plenária de 13 de Março de 1958*, Lisboa, 1958 (separata do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. XXX, Março de 1958) e Idem, «Duas Palavras», in António Viana, *Apontamentos para a história diplomática contemporânea por...*, Lisboa, vol. III, 1958, Gráfica Santelmo, pp. VII-XI; MARTINEZ, Pedro Soares, *História Diplomática de Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, 1992 (2ª ed.), *passim* (vejam-se sobretudo as pp. 392-396 e a entrada, na p. 601, do índice remissivo de autores, com uma trintena de referências a Viana); MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira, *Portugal Contemporâneo*, vol. I, Lello & Irmão – Editores, 1981 (1ª ed., 1881), *passim*; *Memórias da vida de José Liberato Freire de Carvalho*, Lisboa, Tipografia de José Baptista Morando, 1855, 427 pp. (1ª ed.; 2ª ed., Assírio e Alvim, 1982, com introdução de João Carlos Alvim, 259 pp.), *passim*; MENDES, José Amado, «Desenvolvimento e estruturação da historiografia portuguesa», in Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História em Portugal (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 161-217 (sobretudo a p. 186); SANTARÉM, Visconde de, *Correspondência do... coligida, coordenada e com anotações de Rocha Martins...*, vol. V, Alfredo Lamas, Mota e C.ª, Editores, 1918, pp. 124 e ss.; TORRAL, Luís Reis, «A História em tempo de Ditadura», in *A História da História em Portugal (Séculos XIX e XX)*, pp. 241-275; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXVIII, Lisboa/Rio de Janeiro, s.d., p. 885.

Daniel Estudante Protásio

O autor agradece à Biblioteca João Paulo II, da Universidade Católica de Lisboa, a amável autorização de consulta da obra de António Viana, *Tobias (Versão do conto bíblico, com duas ilustrações de Columbano)*, existente na Sala António Sardinha.



APOIOS:

